

## RESENHA

PELLANDA, Nize Maria Campos; SCHLÜNZEN, Elisa Tomoe Moriya; SCHLÜNZEN JÚNIOR, Klaus (Org.). **Inclusão digital: tecendo redes afetivas/cognitivas**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, 375 p.

### INCLUSÃO DIGITAL: NOVAS POSSIBILIDADES DE COGNIÇÃO E VIRTUALIDADE

**Maria Aparecida Ramos da Silva**

Professora Substituta do Departamento de Comunicação Social da UFRN  
Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFRN

[cidaramoss@gmail.com](mailto:cidaramoss@gmail.com)

A ideia de inclusão social via inclusão digital cada vez mais se fortalece entre estudiosos e pesquisadores do assunto, ultrapassando o conceito de que exclusão digital é apenas a diferença entre os que têm e os que não têm acesso aos computadores e à internet.

O livro aqui resenhado, *Inclusão digital: tecendo redes afetivas/cognitivas*, foi organizado por Nize Maria Campos Pellanda, Elisa Tomoe Moriya Schlünzen e Klaus Schlünzen Júnior. É uma publicação coletiva de vários pesquisadores brasileiros que contam sobre pesquisas, projetos e experiências pioneiras relacionadas a novas possibilidades de cognição e virtualidade, a partir de iniciativas de inclusão digital. Os autores utilizam diferentes referenciais teóricos diversos e ações realizadas com diferentes segmentos da população, como jovens em situação de vulnerabilidade social ou pessoas com necessidades especiais.

A obra está dividida em quatro partes que discorrem sobre o tema. A primeira parte, intitulada *Por que incluir?*, reúne cinco artigos que dão sustentação à ideia central do livro, que é a abordagem da inclusão digital do ponto de vista cognitivo, afetivo e social.

No primeiro artigo *O sentido profundo da solidariedade*, Nize Maria Campos Pellanda se orienta nos aportes teóricos de Pierre Lévy e Humberto Maturana para abordar a solidariedade como condição fundante do humano. Percebendo que a inclusão digital como um dispositivo de solidariedade, a autora afirma que é necessário repensar a educação, criando-se condições na quais se possa “experimentar e experimentar-se”. O artigo também procura responder à questão-chave “Por que inclusão digital?”, lembrando que existem milhões de pessoas no mundo ainda excluídas das potencialidades nas TIC e da cultura digital atualmente alastrada na sociedade

contemporânea. Assim, é necessário e urgente ampliar as estratégias de inclusão digital para além das capacitações para uso do computador, utilizando-se esse espaço para expandir as capacidades humanas.

O segundo artigo *É preciso inventar a inclusão*, de Marisa Faermann Eizirik, faz uma discussão importante para a conceituação sobre a inclusão digital. A partir de uma abordagem das diversificadas formas de exclusão, mostrando que esse princípio sempre esteve presente na história das sociedades, a autora ressalta que, atualmente, há uma revolução em curso com o mundo descobrindo a inclusão em todos os seus aspectos, sendo necessário descobrir e aprofundar o real significado desse termo. Para isso, ela apresenta experiências de educação inclusiva desenvolvidas em várias escolas infantil e de ensino fundamental e médio de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul.

A técnica como constituinte do fazer-se de cada um e como ampliação do humano também é abordada no artigo *Técnica: para muito além do objeto*, também de Nize Maria Campos Pellanda, que faz essa discussão a partir da teoria de Pierre Lévy. É nesse texto que a autora explica o conceito de cognição, que é utilizado no título do livro, como sendo inseparável do processo de viver e de autoconstituição. Nesse sentido, o computador vem se agregar ao constante aprendizado humano e permitir maior facilidade e flexibilidade na busca do conhecer, com a técnica desempenhando um papel de ampliação do humano, vista como ferramenta de inclusão e não de exclusão.

A segunda parte do livro tem como tema Inclusão digital em sua dimensão sociopolítica e faz uma abordagem acerca de projetos e experimentações desenvolvidas com vários públicos, como jovens em situação de vulnerabilidade social, em bairros periféricos na cidade de Porto Alegre (RS), e com a juventude *hip-hop*, na mesma cidade. Essas experiências mostram como a utilização da rede mundial de computadores movimentou e fez circular a informação, abrindo possibilidades e fortalecendo essas comunidades.

No artigo intitulado *Redes de conversação como operadoras de mudanças estruturais na convivência*, Cleci Maraschin se baseia na proposição teórica da biologia do conhecer, de Humberto Maturana, para mostrar que pode haver tantos espaços de existência humanos quantas forem as possibilidades de constituição de redes de conversações. A autora chama a atenção para uma questão fundamental que é a conversação como “os fios que se unem”, e propõe pensar em inclusão como uma ampliação dos espaços de experimentação e de circulação, pois é possível participar de um imenso número de redes de conversação.

Quanto à inclusão digital a partir da educação, o artigo *Letramento digital e hipertexto: contribuições à educação*, de Maria Elizabeth Bianconcini de Almeida, afirma que não é suficiente que as escolas ofertem laboratórios de informática aos seus alunos, pois existe um enorme contingente de analfabetos digitais. Mostrando que a apropriação da escrita é diferente da

alfabetização, referindo-se esta a codificar e decodificar a escrita, a autora propõe o conceito de letramento, no sentido de aprender a tecnologia da escrita e utilizá-la socialmente.

O letramento digital propicia a aprendizagem e utilização consciente das TIC e significa muito mais do que apertar teclas, reconhecer a interface do computador e suas diferentes telas ou utilizar programas e aplicativos. A fluência tecnológica se aproxima do conceito de letramento como prática social e não apenas a aprendizagem de um código ou tecnologia, e implica a atribuição de significados às informações de hipertextos construídos com palavras, gráficos, sons e imagens dispostos em um mesmo plano.

A terceira parte da obra é dedicada à discussão sobre As Tecnologias de Informação e Comunicação para Pessoas com Necessidades Especiais (PNE) e apresenta vários artigos para mostrar os diferentes tipos de necessidades e da criação de condições para que estas possam ser operacionalizadas e incluídas no mundo da educação, do conhecimento e da vida social.

Os autores lembram a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), que prevê a inclusão das PNE em salas de aula regulares. Assim, os cinco capítulos desse tópico seguem uma mesma linha, mostrando experiências e projetos desenvolvidos para pessoas com necessidades especiais e a utilização da tecnologia como ferramenta cognitiva e de inclusão na educação.

O segundo artigo, por exemplo, intitulado *As tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) como ferramentas potencializadoras para inclusão: um desafio para a sociedade*, de Angélica Aparecida Spigaroli e colaboradores discute especificamente a utilização das TIC como ferramentas potencializadoras para a inclusão, mostrando um trabalho que vem sendo realizado com pessoas que apresentam as mais diversas necessidades especiais, como paralisia cerebral e atraso mental, e tem o objetivo de criar estratégias para o ensino digital. Foram realizados vários trabalhos como usar o *Microsoft Word* para produzir autobiografias, a criação de uma rádio virtual, além de *homepages* e *chats* para desenvolver a aprendizagem, mostrando o uso do computador como uma peça fundamental para intensificar e desenvolver as possibilidades dos alunos.

A quarta e última parte do livro trata da *Inclusão digital no novo mundo do trabalho* e propõe discutir as mudanças, a partir do advento das TIC e seu impacto na sociedade, que alteraram profundamente as formas de trabalho e geraram novas demandas para os trabalhadores. No artigo *Dos 'tempos modernos' a comunidades corporativas inclusivas de aprendizagem*, Klaus Schulünzen Júnior inicia falando sobre o filme *Tempos Modernos*, de Charles Chaplin, que retrata a participação do homem no setor produtivo, e como os avanços tecnológicos possibilitaram a substituição da forma humana pelas máquinas.

O autor faz uma análise dos programas de formação de recursos humanos nas corporações e apresenta um cenário de modelos de produção em que pouco se avançou no sentido de

investimento na formação e capacitação dos trabalhadores para esse novo mercado de trabalho. A solução seria a criação de uma grande rede, mediante um “ciclo de aprendizagem virtual”, em que essa formação seja realizada e pensada pelos próprios trabalhadores. Assim, o artigo apresenta uma proposta metodológica de capacitação e de construção de uma agenda de aprendizagem nas organizações.

Uma outra abordagem interessante sobre o novo mundo do trabalho, é o artigo *Inclusão digital: reflexões sobre a formação docente*, das autoras Bettina Steren dos Santos e Márcia Leão Radtke. O trabalho do professor e a ação pedagógica se ampliam e complexificam com o advento das TIC e isso implica repensar as possibilidades de ensino e de aprendizagem, e do significado do que é o conhecimento, fazendo-se imprescindível pensar um novo paradigma educacional, revendo o currículo, a função da escola, além do papel do professor e do aluno.

Para as autoras, o que se observa em relação à inserção da informática na educação é uma preocupação excessiva com a aquisição de equipamentos e uma proliferação de programas de computadores para a educação. Entretanto, a preparação e formação dos professores não tem recebido prioridade na mesma proporção, deixando transparecer a ideia equivocada de que a introdução da informática na escola por si só vai resolver os conflitos e problemas educacionais. Para confirmar isso, basta observar como vem ocorrendo a implementação de computadores nas escolas, sem mecanismos que valorizem o professor.

É importante a integração do domínio de recursos tecnológicos na formação docente, pois isso vai possibilitar que o professor aprenda a utilizar e recontextualizar o uso do computador, integrando-o às suas atividades pedagógicas, trazendo uma visão transformadora no trabalho pedagógico. Além disso, a formação do professor em informática na educação precisa ser vista além do período de qualquer curso, contemplando nesse processo a dimensão do contexto do cotidiano do professor.

O último artigo do livro, intitulado *Um caminho para a nossa rede*, foi escrito em conjunto pelos organizadores e é dirigido à rede de pesquisadores que compõe a edição e tantos outros que estudam essa temática por todo o país. A meta é formar uma grande rede de inteligência coletiva, com a união e tessitura de uma rede de profissionais de instituições de pesquisa, educacionais e organizações não-governamentais para a realização de estudos teóricos e práticos sobre inclusão digital. Sem dúvida, essa obra vai contribuir para aprofundar o debate sobre as perspectivas e possibilidades para enfrentar a exclusão digital, servindo para pensar formas de utilização e acesso às TIC e na construção e elaboração de políticas públicas de inclusão digital.